

Literaturas insubmissas, inclusão e representatividade: do silêncio à voz e à reconfiguração do cânone

Unsubmissive Literatures, inclusion and representativeness: from silence to voice and to the canon reconfiguration

Maria Aparecida Andrade Salgueiro

Resumo: Este artigo objetiva, na perspectiva do recorte “Literatura de Autoria Feminina Negra”, trabalhar brevemente alguns temas essenciais contidos em seu título. Manifestações plurais, as Literaturas Femininas Negras, buscam se afastar do binarismo ocidental e escrever suas próprias histórias – ou reescrever outras, contadas anteriormente por vozes alheias – em prol da luta antirracista e de um mundo menos desigual.

Palavras-chave: Literatura feminina negra. Literaturas insubmissas. Práxis decolonial.

Abstract: This article aims, from the perspective of the scope “Literature by Black Female Authors”, to briefly address some essential themes contained in its title. Plural manifestations, Black Female Literatures seek to move away from Western binarism and write their own stories – or rewrite others, previously told by other voices – in favor of the anti-racist struggle and of a less unequal world.

Keywords: Literature by Black Female Authors. Unsubmissive literatures. Decolonial praxis.

Dentro do escopo dos Estudos Literários, em sua amplitude e diversidade nesta terceira década de século XXI, e neste texto, fruto da participação atuante no proativo “II Encontro Literatura de Autoria Feminina da UFJF”, ocorrido naquela Universidade em setembro de 2024, sigo dissertando sobre meu trabalho nos últimos anos com estruturas de formação e pensamento crítico. Desde o final dos anos 1980, introduzindo, com dificuldade e poucos parceiros, os Estudos Afro-diaspóricos na Universidade brasileira, me ocupando das primeiras gerações pretas com a chegada há vinte e dois anos, em 2003, das ações afirmativas, sempre alertando para a absoluta impossibilidade de se seguir única e exclusivamente com currículos eurocêntricos e seus demais valores a partir de então, passo ao relato brevíssimo, a partir da observação de avanços ano a ano no campo.

Sendo assim, este artigo objetiva, na perspectiva do recorte “Literatura de Autoria Feminina Negra”, trabalhar de forma extremamente breve alguns temas essenciais

contidos em seu título e essenciais nos debates da Literatura Comparada contemporânea. Manifestações plurais, as Literaturas Femininas Negras, buscam se afastar do binarismo ocidental e escrever suas próprias histórias – ou reescrever outras, contadas anteriormente por vozes alheias – em prol da luta antirracista e de um mundo menos desigual. Pertencem a grupos mapeados e descritos em obras como as de Davies (1995), e ao expressar emoções massacradas, silenciadas e oprimidas por séculos, pertencem a uma linha matricial de mulheres negras que nascem da exclusão, da pobreza, da desigualdade social, e que, na Literatura, entre seus temas, descrevem o território, elaboram na escrita sujeitos com a criação de personagens sem reforçar estereótipos, levando ao encontro com tanta gente – no mundo real – em busca de textos literários onde se reconhecer e vivenciar estética, autoestima e pertencimento, redesenhado em novas cartografias, onde mundos futuros se reescrevem a partir da ancestralidade e se transformam em sonhos possíveis. A partir da memória, em inúmeros momentos, autoras afro-diaspóricas, apresentam a quem as lê, vidas conhecidas, desenhando novas configurações culturais advindas ancestralmente, a partir da escravidão, da migração forçada, da sua situação em terras estrangeiras.

Contribuindo desde o início para uma revisão dos cânones, as Autoras pretas, ao abordar temas que retratam a dura face do racismo, colaboram com sua Arte para o avanço das lutas igualitárias e de reconhecimento social e político das desigualdades, ampliando a discussão de temas cada vez mais recorrentes nos discursos identitários das Literaturas mundo afora, seja em textos publicados, seja em manifestações orais de poesia *slam*.

No Brasil, a escravidão teve seu fim, do ponto de vista formal e legal, com a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, como fruto da resistência do povo negro, deslocado à revelia, de forma cruel e desumana de África para o Brasil, nos porões dos navios — os chamados *tumbeiros*, porque grande parte dos escravizados, amontoados nos porões, morria durante a viagem. No entanto, no que tange a aspectos dos campos social, econômico e político, a “Abolição” está inconclusa até hoje. A lei que supostamente libertou o povo negro da escravidão não criou condições de inserção social, deixando milhares de supostos “libertos” abandonados, na sequência de modos de vida semelhantes aos anteriores, levando-os, logo a seguir na marginalização de todo e qualquer processo de educação, saúde e desenvolvimento. A política de cotas, da qual a UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – foi pioneira em seu estabelecimento

em 2003, vem buscando atuar sobre essa realidade através da difusão dos saberes e epistemes, além da conscientização da história e cultura a partir desses trânsitos:

O que caracteriza o novo intelectual negro das ciências humanas é que ele não tem mais um olhar distanciado e neutro sobre o fenômeno do racismo e das desigualdades raciais, mas, sim, uma análise e leitura crítica de alguém que os vivencia na sua trajetória pessoal e coletiva, inclusive nos meios acadêmicos. (Gomes, 2010, p. 496)

São esses novos intelectuais negros que, a partir de referências como, por exemplo de Conceição Evaristo, nossa mais relevante escritora brasileira hoje, vêm debatendo as questões do trânsito e possibilitando também a abertura de diálogos com a recepção da obra de Evaristo no exterior. Em experiências pessoais acadêmicas em diferentes momentos, desde a Defesa de minha Tese de Doutorado, em 2000, a primeira sobre Conceição Evaristo na Academia brasileira, transformada em livro hoje esgotado (Salgueiro, 2004), que venho, pela produção acadêmica, tendo diferentes oportunidades de debater fora do Brasil, em especial nos Estados Unidos, a obra evaristiana. Entre as principais obras da Autora trabalhadas no exterior, encontram-se o romance *Ponciá Vicêncio* (2007), o conto *Maria* (2016), poemas da obra *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2008), além de alguns de seus escritos teórico-críticos (2011). É interessante observar a forma pela qual se dá esse processo de leitura, recepção e tradução intercultural, à medida em que os estudantes (graduação e pós-graduação) avançam na leitura. Cabe lembrar que os debates sempre remetem a questões próprias da Diáspora, do trânsito, passando por identificações e histórias de memórias de família, em processos tantas vezes de grata surpresa – e emoção – por parte dos estudantes, ao tomar contato com a realidade do tantas vezes chamado “Atlântico Negro” — a partir da obra de Paul Gilroy –, sentimentos aqui tão bem sintetizados pela respeitada Florentina Souza:

Na Diáspora forçada, fugindo à coisificação imposta pela escravização, os africanos e afrodescendentes costuraram e teceram identidades e, a partir da memória, reorganizam suas vidas desenhando novas configurações culturais advindas da sua situação em terras estrangeiras. (Souza, 2007, p. 30)

Conceição Evaristo, ao cunhar o conceito de *escrevivência* – contribuição latente da escrita afro-brasileira para a Teoria da Literatura (Salgueiro, 2020), atinge os mais diferentes públicos, demonstrando em seus textos como identidade e deslocamento

promovem identidades múltiplas, representadas no tempo-espaço do discurso literário, em dimensões transnacionais e transculturais. Nesse sentido, as estratégias discursivas do uso das palavras nas *escrevivências*, e, mais uma vez, a abrangência e o alcance dos espaços comunitários de leitura, atingidos positivamente pela escrita de Conceição, ao colocar os sujeitos no centro, como leitores e, pela oralidade em especial, como produtores de novas histórias emancipatórias, quando a ideia do trânsito e dessas novas identidades está sempre presente têm se feito fundamental nos processos de leitura ao pensar a escrevivência como meio de emancipação e retomada de poder sobre meios de produção de subjetividades negras pelo povo negro nos espaços carcerários, por exemplo.

Da *escrevivência* de Conceição, em seus dados conceituais, passamos em diálogo literário, a outra grande autora, a afro-americana Toni Morrison – escritora, editora, professora, ensaísta – e seu conceito de *rememória*:

Primeiro veio meu esforço para substituir e confiar na memória ao invés da história, porque eu sabia que não podia, não devia confiar na história registrada, oficial, para me dar o *insight* sobre a especificidade cultural que eu queria. Em seguida, decidi diminuir, excluir e até mesmo congelar qualquer eventual dívida (aberta) com a história literária ocidental. Nenhum dos esforços foi totalmente bem-sucedido, nem eu deveria ser parabenizada se tivessem sido. No entanto, parecia-me extremamente importante tentar. [...] Havia e há outra fonte que tenho à minha disposição, no entanto: minha própria herança literária a partir das narrativas de escravizados. (Morrison, 2019, p. 323, tradução nossa)¹

Morrison é referência e menção obrigatória ao se tratar na Literatura do tema das migrações forçadas dos escravizados, entre outros nomes de autoras afro-americanas que também refletem sobre o tema: Maya Angelou, Alice Walker, Zora Neale Hurston. Formada na Howard University (uma das maiores universidades negras nos Estados Unidos, as famosas HBCUs – *Historically Black colleges and universities*), Toni Morrison estreou como romancista em 1970, com *The Bluest Eye* (*O olho mais azul*). *Beloved* (*Amada*) lhe valeria o Prêmio Pulitzer em 1988 e em 1993, seria a primeira escritora

¹First was my effort to substitute and rely on memory rather than history because I knew I could not, should not, trust recorded history to give me the insight into the cultural specificity I wanted. Second, I determined to diminish, exclude, even freeze any (overt) debt to Western literary history. Neither effort has been entirely successful, nor should I be congratulated if it had been. Yet, it seemed to me extremely important to try. [...] There was and is another source that I have at my disposal, however: my own literary heritage of slave narratives. (Morrison, 2019, p. 323)

negra a receber o prêmio Nobel de Literatura. Aposentou-se como professora da conceituada Universidade de Princeton, em 2006.

Ao introduzir o conceito de “*rememória*” – ou seja, a lembrança de coisas que aparentemente desapareceram, mas, **permanecem, sempre, dentro de uma ótica de ancestralidade e comunidade** (*the concept of rememory — the recall of things that disappear but remain*) (Jablon 1993, p. 142), Morrison, depois de anos de luta para ser ouvida, tem hoje seus escritos e romances lidos e debatidos em escolas e universidades mundo afora, apesar da triste censura – no presente – em alguns espaços estadunidenses. Autora de histórias profundamente entrelaçadas com supostas verdades nos Estados Unidos, tantas vezes não realizadas, desmistifica questões como o *meltingpot, equality, freedom, the common man, hard work x success*, tão bem descritos em obras como *The free and the unfree: a new history of the United States* (Carrol; Noble, 1984).

A seguir, em citação do romance *Beloved (Amada)*, surge forte o conceito:

Estava falando do tempo. É tão difícil para mim acreditar no tempo. Algumas coisas vão embora. Passam. Algumas coisas ficam. Eu pensava que era minha rememória. Sabe. Algumas coisas você esquece. Outras coisas, não esquece nunca. Mas não é. Lugares, os lugares ainda estão lá. Se uma casa pega fogo, desaparece, mas o lugar — a imagem dela — fica, e não só na minha rememória, mas lá fora, no mundo (Morrison, 2007, p. 63).

Entre tantas escritoras nessa luta no Brasil, a “*escrevivência*”, na expressão de Conceição Evaristo, da literatura afro-brasileira leva adiante, com resistência e resiliência, toda uma herança cultural marcada pela ancestralidade e, antes, ameaçada de completo apagamento pela cultura hegemônica. A negritude é marca, consciente e inconsciente, carregando as narrativas que, pela abordagem criativa da literatura, podem ser resgatadas, recriadas e preservadas. O texto literário atua como ferramenta poderosa de transformação das múltiplas experiências raciais em potencialidades na construção de novas epistemes multiculturais. Entre nossas autoras afro-brasileiras – ou negro-brasileiras, nos termos de Cuti (2010) – insubmissas de impacto no cenário contemporâneo, citamos ainda Carolina Maria de Jesus, Alzira Rufino, Cristiane Sobral, Eliana Alves Cruz, Esmeralda Ribeiro.

Ouçamos Conceição Evaristo mais uma vez, quando ela se indaga sobre o ato audacioso de mulheres negras que rompem domínios impostos e se enveredam pelo caminho da escrita:

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder. Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. (Evaristo, 2020, p. 35)

Importante ainda, antes de encerrar, citar que, para celebrar e relembrar a força, diversidade e potencial da literatura preta, afrodescendente no Brasil, uma importante antologia de literatura e textos críticos de Autores e Autoras afro-brasileiros foi publicada em 2011: *Literatura e afrodescendência no Brasil*. Composta de quatro volumes organizados por Eduardo de Assis Duarte, sendo o volume terceiro co-organizado com Maria Nazareth Soares da Fonseca, é fruto de cuidadosa pesquisa realizada em todas as regiões do Brasil, em um trabalho intenso de mapeamento e estudo da literatura produzida pelos afrodescendentes desde o período colonial do país. A organização da Antologia envolveu cerca de sessenta e um pesquisadores, vinculados a instituições de ensino superior nacionais e estrangeiras, apresenta cem escritore/as de origens diversas em tempo e espaço brasileiro. Como recorte amplo e sólido da literatura afro-brasileira, é importante passo para um maior reconhecimento da produção literária afrodescendente no Brasil.

A partir da Antologia, observa-se que os temas da maternidade, da tradição e da identidade são apenas três dos muitos tópicos abordados pelas escritoras afro-brasileiras contemporâneas. Os elementos criativos, afirmativos e subversivos expressos em suas obras são formas de resistência, destinadas a combater o racismo e o sexismo.

A partir de suas vidas e de sua História, dentro de sua luta, retratam a razão e o coração da mulher preta brasileira e se estabelecem com o tempo como referência obrigatória no panorama da literatura contemporânea de seu país. Sempre, insubmissas, combativas contra a discriminação, nossas escritoras adotam específicas e diferentes estratégias de ação em sua luta. No entanto, com recorrentes pontos em comum: em trajetórias próprias, porém céleres e sólidas, que as consolidam e se desdobram no

cenário literário, ao, por exemplo, forçar uma rediscussão do cânon, com a utilização da arte da palavra – uma contribuição definitiva a partir de projeto estético, político e ético em prol da luta antirracista e de um mundo menos desigual.

Referências

CARROL, P. N.; NOBLE, D. W. **The free and the unfree**: a new history of the United States. New York: Penguin Books, 1984.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIES, C. B. (Ed. and Intr.) **Moving beyond boundaries**: volume 2: Black Women's Diasporas. London: Pluto Press, 1995.

DUARTE, E. de A.; FONSECA, Maria Nazareth Soares da (Volume 3). **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: Antologia Crítica – 4 Volumes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

EVARISTO, C.. **Ponciá Vicêncio**. Translated from the Portuguese by MARTINEZ-CRUZ, P. Austin, TX: Host Publications, 2007.

EVARISTO, C.. **Poemas da Recordação e Outros Movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, C.. **Poemas Malungos**: Cânticos Irmãos. 2011. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

EVARISTO, C.. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, C.. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós. Rio de Janeiro, RJ: MINA Comunicação e Arte: ITAU Social, 2020. p. 26–46.

GILROY, P. **The Black Atlantic** – Modernity and Double Consciousness. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

GOMES, N. L. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (org.). **Epistemologia do sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 492-516.

JABLON, M. Rememory, Dream Memory, and Revision in Toni Morrison's *Beloved* and Alice Walker's *The Temple of my Familiar*. **CLA Journal**, v. 37, n. 2, p. 136-144, Dec. 1993.

MORRISON, Toni. Rememory. In: MORRISON, T. **The Source of Self-regard**: selected essays, speeches, and meditations. New York: Alfred A. Knopf, 2019. p. 322-325.

MORRISON, T. **Beloved**. New York: Penguin Books, 1988.

MORRISON, T. **Amada**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORRISON, T. **The bluest eye**. New York: Plume, 1994.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **Escritoras Negras Contemporâneas**. Estudo de Narrativas – Estados Unidos e Brasil. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SALGUEIRO, M. A. A. Escrivivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrivivência**: a escrita de nós. Rio de Janeiro, RJ: MINA Comunicação e Arte: ITAU Social, 2020. p. 96-113.

SOUZA, Florentina. Memória e *performance* nas culturas afro-brasileiras. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 30-39.

Data de submissão: 07/07/2025

Data de aceite: 02/09/2025